

# Destralíngua

dakí<sup>1</sup>

Nunca sei o próximo passo, sei o primeiro. Aconteceu na necessidade de externalizar coisas que não consegui abordar com o diálogo falado. Sempre que começo uma peça nova, fico sem saber qual é o ponto; aí fico triste, eufórico, leio as coisas/falo sobre as coisas, ouço música o tempo todo pra me ajudar a pensar e vou fazendo. Quando acabo, é depois de um tempo passado, depois do trabalho afetivo e de pensamento ocorrido no período em questão (dias, meses), e aí vejo que uma ideia sobre algo mudou nesse período, que deixei algo pra lá, que fiz também uma série de escolhas no processo e que essas escolhas formaram um trajeto em grande parte inconsciente, mas específico. Não repito os ciclos (não tento): o recorte de tempo histórico é sempre novo (tanto o meu quanto o da coletividade), a produção seria outra, ainda que os passos fossem aproximados dos de trajetos anteriores.

Desde criança quis fazer gibis, mas só comecei a desenhar e pintar em 2012 (aos 25). Não entendi nada das implicações, mas deu pra ver que tudo mudou: descobri que minha voz não era bem aquela que saía da minha boca por todos os anos antes e que meu olhar era belo e grotesco e as paredes brancas demais e o tempo estranho demais; me cobri de tinta e grudou nos cabelos, pintei o teto e o chão até que não dei mais conta: tive medo e cansei. E aí minha cabeça mudou, minha dosagem também e meu coração também, casei. E o país mudou também. E mudei de rede. Mas me sentindo um saco de areia, produzindo no escuro, com um diploma engavetado e desenhando sonhos e colocando na nuvem, insistindo em coisas que não davam resposta, encontrando alívio em podcasts.

Apresento esse malote de narrativa como contextualização de alguns trabalhos mais recentes. Em agosto de 2019 soube de uma oportunidade para publicar uma história em quadrinhos (não deu certo pelo prazo, soube de última hora), mas no impulso comecei a criar uma (ainda não acabei), falando da coisa amarga e do alívio que era falar da coisa amarga. Eu já vinha retomando a pintura lentamente desde o ano passado, mas com o início dessa história uma série de eventos interessantes se sucederam: como é um gibi é autobiográfico, revisei alguns cadernos que guardo desde quando comecei a produzir. No meio desse processo me lembrei dos registros pictográficos que fazia durante a graduação (em aulas, debates e congressos), e a lembrança da atividade me fez querer repetir o processo, mas agora com as discussões dos podcasts, e aí tudo aconteceu muito rápido e tudo ao mesmo tempo. Passei semanas virando madrugadas fazendo esses registros até entrar em colapso; havia deixado de lado a hq e os quadros. Do que se trata o meu trabalho afinal? O que há de mim no que faço com o discurso do outro? E as leituras para o pré-projeto de mestrado? O que faço com o tema que escolhi? O que o Moscovici tem a ver com essas madrugadas?

Com o choque dei um tempo e retomei os quadros e o gibi (numa parte difícil do enredo, sobre questões psiquiátricas), levei essas perguntas pra esses outros lugares e continuei apresentando isso ao mundo – meu mundo íntimo e meu mundo das redes. Eu nunca entendo exatamente o que faço (mais especificamente nos quadros) e fico sempre na expectativa de devolutivas, de um “pareceu isso”, “me fez pensar em tal coisa”. Como a escolha do tema, da iconografia, das cores e do material mais desabrocham do que são planejadas, sempre fica a sensação de que não é um processo consciente, e como consequência meu controle sobre o resultado final também não o é; e o mesmo para os significados possíveis do objeto pronto.

1 dakí é Marcelo Barros de Carvalho Júnior, bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás e artista autodidata.

Mas, ao mesmo tempo, tenho minhas leituras sobre as peças, só nunca havia falado disso até recentemente.

Os santos, por exemplo. Pinte a primeira Nossa Senhora com uma composição que me lembra vestimentas de outros países da América Latina. Durante o processo, pude começar a elaborar toda uma vida de vivências em família protestante, na qual um dos maiores tabus era a posse de imagens religiosas. Nas costas dessa Nossa Senhora, há uma figura humana no centro de um caminho; anos atrás, era, pra mim, a representação do adversário, a ameaça anticristã que era eu; hoje, é uma figura humana no centro de um caminho. Considerando a mudança de contexto e as emoções desencadeadas nesse processo e no seguinte (um São José trabalhista), fiz um vídeo (áudio e fotografias) comentando a releitura dos elementos associados aos santos e meu receio de ecoar desrespeitos institucionalizados. Coloquei na web e seguí falando do mar vivo, escrito sobre o óleo numa imagem que é mais sobre a esperança de conseguir lidar com o desastre do que o desamparo planejado.

A ação de comentar o processo e o resultado final talvez seja o elo que faltou nesses anos: a sensação de estranhamento do universo estético que tenho criado só aumenta em intensidade conforme me deixo ser asfixiado pelo receio de falar sobre isso, sobre o que é belo, grotesco, libertador e contraditório. Não são artefatos alienígenas (até onde sei), não são energias ocultas e obscuras (até onde sei): são cristalizações da minha experiência como gente. Tratar meu trabalho como algo incomunicável é me tratar como um ser incomunicável, o que vai contra a urgência do primeiro passo: a necessidade de romper limites subjetivos do exercício da linguagem.

Recebido em 28 de novembro de 2019.

Aprovado em 23 de dezembro de 2019.





É...  
Tô meio nervoso olhando pra essa  
paisagem e tentando falar alguma  
coisa sobre ela, sobre esse nome  
to final.

**FAÇO TUDO  
AO MESMO  
TEMPO**



**AÍ ME  
EMBARALHO,  
FICO AGONIADO**



mas aí acabou um curso  
e me reaparece; nessas horas  
consegro ver melhor o que estive  
fazendo durante os paracãzinhos.

cada dia entendo  
mais e menos das  
minhas motivações pl

falar a linguas

e querer  
ser visto:





comecei bravo e frustrado, depois virou algo que dialogava mais com nuances da atividade de objetivação/publicização do que com meu mau humor do início



era de 2017, refiz todo agora em novembro/2019

viver no virtual



era pra ser um banquete, vários animais à mesa e o leão apresentando o fóssil humano encontrado mas fiquei impaciente, troquei a narrativa por formas abstratas e chamei de "ARARA VAREJO"

dei por finalizado em março; como achei que estava muito cru (e não tinha material) cobri quase tudo (menos o leão & o vermelho); aproveitei os relevos (fig. humanas)

mesma coisa pro quadro ali em cima

minha mão etc



pod pod pod



pod tocar a casaca

tenho dialogado com podcasts & podcasters

não tenho tv nos meus hábitos desde dois mil e seis

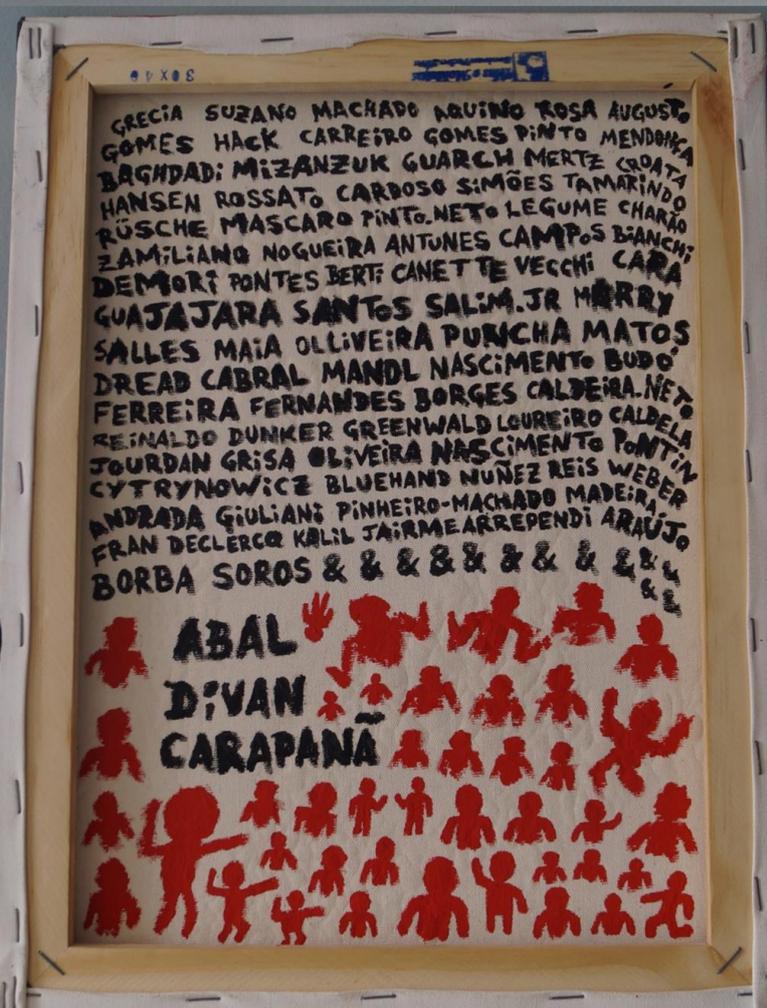
queria saber o motivo da ausência de respostas a alguns e-mails (como estão desenhando?)



fui aceitando a sensação de que é isso

acreditar em mim, no que é parte de mim

ser amigo dos bichos



em 2011 pedia razão à parede, hoje esboço (quase nunca esboço)







É a segunda vez que tento escrever uma história em quadrinhos. A primeira tentativa ("Golem", 2014) chegou a ser encerrada, mas é um material impubescível (?) pela intensidade da desorganização. E eu meio que me preparei pro processo... vi filmes, li artigos sobre o <sup>golem</sup> do golem, parti de um argumento inicial pro ser o caminho de desenvolvimento: o poder da linguagem para dar e tirar a vida (inscrição no tubo de golem).



